

## Nem um milímetro



O passeio num carro japonês esportivo ostentando uma licença especial para diplomatas, iniciou na região da Central do Brasil, após uma visita que fizeram à igreja do Rosário, no Campo de Santana, onde Maria Sheila encontrou-se com Marcelo.

Seguiram em direção a Bonsucesso, para alcançar à Penha. Marcelo propôs mostrar o pouco que restava das casas comuns ao bairro, como a de seu tio, um dos primeiros negros a conseguir posição proeminente no quadro de servidores da Estrada de Ferro Dona

Leopoldina. Parou em frente à que fora parte da sua infância — hoje substancialmente alterada, especialmente por uma hostil grade de ferro que, protegendo, enclausura seus moradores — e descreveu para Maria Sheila como eram então: construídas em alvenaria, tinham à frente um muro sólido de pedras, com pouco mais de metro e meio de altura, que terminava, de um lado, na divisa da casa seguinte e, noutro, num portão de madeira com duas folhas. Era encimado por uma fileira de reluzentes telhas coloniais, que serviam de pingadeiras. Entre o muro e a fachada da casa havia um pequeno jardim, que acolhia algumas roseiras, pés de lírios, copos-de-leite, um tipo de palmeira tropical e, ainda, uma grande mangueira, num canto, que fazia sua sombra privilegiar duas casas, ao mesmo tempo em que deixava cair suas frutas, perfumadas e saborosas, quando maduras, abonando indiscriminadamente ambos os vizinhos. Uma chaminé retangular, colada à fachada principal, à frente, representava uma indagação e um anacronismo: serviria de escapamento de gases de uma lareira, em plena Penha, Rio de Janeiro, todavia inexistente. Adentrava-se a casa por sob um arco — como o muro e a chaminé, também coberto por telhas-canal — que dava acesso a um longo corredor. O arco era decorado com afrescos de andorinhas, que pareciam — eram várias — esvoaçarem permanentemente, trazendo um eterno verão. No ponto mais alto da fachada, entre os dois oitões, no centro de um retângulo feito em alto relevo, aparecia a letra A, do primeiro nome de seu tio. Abaixo, a única janela da frente, local em que suas primas viam a vida passar, protegidas nos dias de chuva por uma pequena marquise, encimada da mesma forma por telhas coloniais pintadas de carmim, que se projetava por sobre a janela.

A casa, Marcelo esclareceu, de certa forma encerrara uma fase da vida de seus parentes mais antigos. Viviam, originalmente, nas cercanias do centro do Rio de Janeiro. Naquele período, ele compreenderia mais tarde, na narrativa de seus pais, habitavam casas de cômodos, uns próximos aos outros. Irmãos, primos, tios e amigos, socorriam-se mutuamente: empregados arrumavam encosto para desempregados; saudáveis buscavam socorro para os desvalidos; os nutridos

dividiam a comida, pouca, determinando: ponham mais água no feijão.

O emprego bom, do tio, e a casa que fez por merecer, no financiamento da Caixa Federal, tirou-o, em verdade, do cortiço. Mas tornou-o uma individualidade, distante de todos, lá no subúrbio. Uns poucos que apareciam na Penha distante para visitá-lo tinham olhos de desconforto para com a luzente casa de rico.

Marcelo achou que havia passado, razoavelmente, a imagem da casa de seu tio, em fins dos anos cinqüenta. Maria Sheila manteve-se atenta à narrativa, demonstrando genuíno interesse. Fez apenas duas perguntas. Quis saber se, no cortiço, formavam uma comunidade negra una, com escolas e igrejas só para os negros. E se, no subúrbio, ali onde estavam, quando seu tio chegou, tratava-se de uma nova comunidade de negros classe média.

Deixando a casa para trás, decidiram conhecer a igrejinha que viam no topo do outeiro.

As torres da igreja, no alto da colina, de imediato trouxeram-lhe nostalgia de sua igreja batista, em Patuskie, que, em verdade, muito pouco se assemelhava à da Penha. Tinham ambas, sim, braços erguidos aos céus.

Marcelo foi indicando, dobra aqui, vira acolá, o caminho a ser seguido. Enquanto dirigia, Maria Sheila pensava na definição da palavra outeiro. Dentre as muitas coisas que teve de ler, preparando-se para vir trabalhar no Brasil, deparou-se, num sumário dicionário de palavras portuguesas, com outeiro. O som lhe soava pomposo. A americana compôs então mentalmente um quadro medieval de festas realizadas nos pátios de conventos, quando poetas glosavam motes dados pelas freiras.

Cheia de vida e de entusiasmo, trocando jogos dentro do carro que se movia no interior do subúrbio, ouviu de Marcelo histórias sobre promessas religiosas feitas e pagas, na maioria, por pessoas humildes. Dispôs-se, no entusiasmo do momento, subir de joelhos — mas não iria executar — a tricentena de degraus que compõem a escadaria da Penha. Vexada, desculpou-se formalmente pela desistência. Escusas desnecessárias, entendia seu amigo Marcelo. Desde o momento em que ela se propôs realizar a tarefa, considerou o assunto, em seu jargão local, um *papo furado*, conversa sem futuro. Maria Sheila, todavia, considerava-se vítima de um ato precipitado e dele se arrependia, vendo-se obrigada a dar satisfação a quem tomara conhecimento de sua intenção.

Depois, plenos de graça e contentamento, resolveram cruzar o bairro, no caminho da volta, a fim de atingirem a Avenida Brasil, para dali chegarem ao Jardim Botânico, onde ela residia.

Desvio daqui e dali, viram-se na Rua Barreiro numa sinaleira na mira de um revólver apontado por um homem negro aparentando trinta anos, mas que bem poderia ter vinte e cinco.

Estavam no momento seguinte com um passageiro extra e rodavam, aleatoriamente, como determinava o homem armado, com voz imperiosa, impregnada de nervosismo e ressentimento.

Maria Sheila e Marcelo não haviam falado até então, senão com os olhos e com os músculos faciais. Foi, nos poucos segundos que conseguiam enquadrar seus olhares de viés, um tagarelar de rugas na testa, de contrações do bucinador e, sobretudo, de estupefatos olhares. Nada lhes fora indagado. Ordens para serem cumpridas, era tudo que o assaltante emitira. A mira do revólver ensinara àquele homem, carioca da gema, que deveria intimamente rezar para que nada ocorresse

e cumprir as ordens, mais do que nada, na medida do possível.

— Onde mora o patrão de vocês?

A pergunta singela, ainda que o tom tenha sido arrogante, com desdém embutido, provocou na cabeça das vítimas, ela dirigindo o automóvel e ele como passageiro, um tumulto de pensamentos. Ao assaltante também causara espécie, mas igualmente apavorado, não chegou a se fixar no fato, pouco comum, de um casal negro estar em uma posição inusitada: ele era o carona e ela a motorista.

Marcelo pensou duas coisas, duas opções, mas lamentou que a pior delas os levaria ao desastre. Pensou, em primeiro lugar, dizer ao intruso que a casa do diplomata, o patrão, situava-se alhures, na Zona Sul, e jogaria com a sorte ao longo do caminho entre os dois pontos do eixo que iria conectar norte e sul. Eventualmente, poderia ser socorrido de alguma forma. Em segundo lugar, que Maria Sheila iria falar.

E falar, sabia Marcelo, seria para consumir um ato de fé nos valores da civilização e da cultura americana, prenhe de conceitos puritanos. Os tais princípios que os empurravam, noites adentro, em discussões que pareciam sem fim. Debatiam sobre o que Maria Sheila via e ouvia no país, sua gente e seus hábitos, contapondo ao modelo que ela esperava, com sinceridade, deveriam adequar-se Marcelo e todos os demais seres humanos, daqui e alhures. Seguramente, tal perspectiva iria favorecer o assaltante, treinado nas ruas para esmagar sem pena, especialmente os que se mostravam fracos, ingênuos.

Maria Sheila, no ardor dos debates, havia presenteado Marcelo com o dístico, então em moda, de *porco chauvinista*. Tal a impregnação de seu sentimento de mulher, que as coisas mais comuns, aceitas por impedernidas feministas brasileiras, eram rejeitadas porque, considerava, faziam parte do complô masculino para submeter as mulheres ao tacão masculino.

Num dos serões, Marcelo identificou a possível origem das resistências de Maria Sheila com relação aos homens. Os dois costumavam ficar sozinhos num grande salão, onde a penumbra fazia revelar, apenas, o próprio sofá em que se aconchegavam; um tapete grosso, onde jazia uma mesa de centro com um gentil vaso de cristal, repositório permanente de frescos cravos ou sangüíneas rosas; e, ao canto, um bar — coleção de bebidas exóticas recolhidas em outros postos e mostruário de excelentes marcas de uísques — no qual Ray Charles e Dinah Washington, comumente, cantavam suas mágoas. A peça abria-se numa ampla sacada, com brancas cadeiras de plástico, para dar entrada à aragem fresca da noite no Jardim, ao ruído imediato dos insetos da noite e ao barulho noturno, ao longe, do tráfego sem fim. A um canto, impassível, ressonava um grande, dócil, pelo bem cultivado e, em verdade, despropositado *collie*, à porta do dormitório suíte. Assim, Marcelo foi reconstituindo, de memória, talvez de forma caricata, nalguns pontos, o mundo que Maria Sheila deixara lá na sua pátria e o que esboçava assentar aqui, em terras brasis.

O pai, músico, boêmio e, também, veterano de uma das muitas guerras, distribuía sistematicamente, na infância e, em grau e intensidade menor na adolescência, ensinamentos arrimados na violência, espancando — não exatamente no sentido dessa palavra no vernáculo de Maria Sheila — a mãe e as filhas. Eram três Marias: Mary Suzam, a mãe; Mary Dione, a filha mais nova e Maria Sheila. Apesar do nome Maria, chamavam-na as amigas e colegas de escola, naturalmente, de Mary. No Brasil, num vício local, adotaram — diziam mais charmoso — Sheila, ao invés do trivial Maria.

O latramento do nome materno constituiu-se numa homenagem surgida na noite boêmia, num dos bares onde seu pai tocava, para um amigo porto-

riquense, que amava muito uma certa Maria e dela falava bem, a todo instante.

A família, à margem arrufos, às vezes; confrontos, outras tantas, demonstrava para a comunidade negra da pequena cidade onde vivia, no Sul, ser de uma casa de gente unida, temente a Deus e cumpridora de seus deveres com a vizinhança e à Pátria.

Nos feriados nacionais, hasteavam, no frontão de sua casa, uma modesta bandeira listrada e estrelar, que era conservada como relíquia. Quando Finados, em fins de maio, antecipando um dia de encontros com parentes, visitavam os túmulos, com alvas cruces, arranjos florais e diminutas bandeiras nacionais, de mortos de guerra, alguns seus amigos, que descansavam no cemitério local. No dia dos Veteranos, em outubro, ou no 4 de Julho, o velho calçava seus borzeguins, sua farda démodé e, sobretudo, agraciava-se com suas polidas condecorações, para marchar no desfile dos ex-combatentes.

Nos domingos, formavam um solene cortejo que se iniciava no avarandado da casa de madeira onde residiam, encimado por uma plaqueta de madeira, emoldurada com floreios e ostentando a informação: *nossas boas vibrações far-te-ão voltar*. Austin abria o portão e, chapéu na cabeça, dava passagem, em primeiro lugar, a si mesmo. Via-se seguido pelo seu séquito feminino: Mary Suzan, mais de cento e trinta quilos, em grande parte oriundos do ritualístico desjejum: café aguado, ovos mexidos, aveia ou sêmola, tiras fritas de toicinho defumado e batatas amassadas. E as outras Marias.

A gordura, que infernizava seus exames químicos, no item colesterol, de periódica observação clínica, distribuía-se em quase um metro e noventa centímetros de altura, com destaque, pela ascendência africana, na região glútea. Maria Sheila tinha olhos críticos para com a mãe e já se constituía em preocupação afastar de sua dieta itens estimuladores da geração de graxas.

Mary Suzan, antes mesmo dos tempos de jovem esposa, com as filhas em processo de crescimento, preocupava-se com o ofício de domingo no templo de torres longilíneas, lembrando o estilo gótico, de sua igreja Batista. — São nossos braços erguidos, Senhor; dizia o pastor, referindo-se às agulhas do telhado. Seu pai participara do processo de construção do templo e disto todos se orgulhavam. Uma plaqueta de bronze, logo ao adentrar a igreja, em meio a outras, assinalava a homenagem da comunidade a Joshua Smith. Ferreiro, não apenas emprestara sua força física para os trabalhos de construção, mas, também, conhecimentos atávicos — "ele tem uma habilidade inata para trabalhar com metais", diziam muitos, ignorantes de uma eventual ligação cultural com algum povo de Ifé — que foram muito úteis na produção de peças em ferro e bronze que ornavam a velha igreja. Legou, mais adiante, parte das economias que conseguiu amealhar, para outra obra meritória, uma faculdade só para os negros daquela região. Mary Suzan ufanava-se de uma outra placa, na parede do saguão principal do *college* que seu pai também ajudara a erguer: coisa simples, um nome e um agradecimento da coletividade. "Mais eficientes do que as placas de prata, de uma outra cultura" — amargou Marcelo, quando ouvia a narrativa de Maria Sheila. Esse fora um imenso passo dentro do processo de consolidação de algumas pequenas comunidades, em tempos de pós escravidão. "Curso superior para os netos dos homens das plantações", ponderou, então, Maria Sheila a um cordato Marcelo, que arrematou: — É, no Brasil não fomos discriminados!

Mary Suzan participava do coro. Sua voz de contralto enchia o recinto. Todos sabiam, sem qualquer dúvida, que certa passagem vinha de Mary Suzan. Os hinos da rotina religiosa, que as Marias sabiam de cor, eram cantarolados, ao longo dos anos, na cozinha, no banheiro ou no pátio dos fundos, onde drapejavam os anos que iam passando, das fraldas às meias dos uniformes. Dos jeans remendados aos que se consumiam substituídos, sem muito uso, pelo novo modelo industrial.

Era contra-ponto, na sucessão dos anos, o cantarolar alegre de Mary Suzan: das notas do *Oh, Mary Don't Weep* e *Sometimes I Fell Like a Motherless Child*, de sua própria infância, até os sucessos populares que foram invadindo a casa, com a chegada do rádio e depois dos discos fonográficos.

Assombrou-se Mary, em 1950, quando um irmão, bem preto, dentes de marfim, muito alto e magricela, cabelo alisado, pela primeira vez aparecia na parada de sucessos, o *billboard* do país: Nat King Cole cantava *Mona Lisa*. Lastimou, adiante, a morte prematura de Roy Hamilton, como ela, um membro de corais de igreja, que havia notabilizado *You'll Never Walk Alone*, mas que a empolgava, sobremodo, cantando *If I Were a Countryside*. Chorou, anos adiante, pelo assassinato de Sam Cook, com quem fazia coro, ela a soltar, refreado, seu vozeirão e agitando com graça seu corpanzil, ele na vitrola.

Tinha, Mary Suzan, um modesto guarda-vestidos, onde mantinha um conjunto de peças que alternava, sistematicamente, de forma a não aparecer, com frequência, com a mesma indumentária. Assim, bem poderia estar com o costume azul-marinho, com debruns em branco na gola do casaco, ou trocar a saia com outra peça e apor alguns apliques, como correntes douradas. E, como sempre, vestia um chapéu, ora com uma camélia, às vezes com um véu, também com um outro adereço qualquer. Compunham ainda sua figura imponente e elegante, bolsa e cinto em couro, que combinavam com os sapatos de saltos altos. O bem vestir de Mary Suzan tinha muito a ver com uma revista influente, senhora dos gostos e maneirismo da classe média negra americana e daqueles que sonhavam com o sucesso dos ali retratados, a *Ebony*. No ofício dominical era comum encontrarem-se inúmeras senhoras com o mesmo chapeuzinho, habilmente fabricado para sofrer alterações e diferenciá-los uns dos outros. Desfilavam estolas de pele ou sintéticas, vestidos, sapatos e bolsas de novos estilistas, tudo dentro de uma já pujante indústria de consumo.

A imagem de sua mãe, que Maria Sheila transmitiu para Marcelo, dava a medida de uma mulher fisicamente grande, mas frágil interiormente, apesar de procurar demonstrar para o mundo exterior, além de sua porta, ou mesmo para aqueles que a visitavam, que exercia, e era respeitada, o papel de co-partícipe da educação das filhas e da administração do lar.

Muitos duvidavam que fosse esse o papel de Mary Suzan. A verdade é que, na comunidade, Mary não passou despercebida. Desmerecendo malidicências, vezes houve em que se engajou em movimentos antissegregacionistas, recolheu assinaturas e ouviu palestras. Fez boicotes e deu curso aos ideais de líderes como Luther King. Das recordações marcantes de Maria Sheila estava a noite em que um senhor de óculos grossos, advogado da Associação Nacional dos Homens de Cor, pernoitou em sua casa. Era o advogado Throogood Marshal, que, mais adiante, viria a ser nomeado como o primeiro negro ministro do Supremo Tribunal, federal.

Ressalvado o juízo que fazia da submissão completa ao pai, Maria Sheila erigiu a mãe à galeria de seus heróis, e foi cultivando a imagem materna até o corolário, quando chegou o momento de decidir em que Universidade iria se internar. Deveria ficar na faculdade que seu avô ajudara a construir, ali, bem próximo de Patuskie.

Austin também era um homenzarrão. Fora campeão de basquete, inúmeras vezes, pelo time amador do Y.M.C.A. Na Segunda Guerra, foi incorporado ao 388º Regimento, orgulhando-se de haver participado de um treino de basquete ao lado do ídolo negro de então, o pugilista Joe Louis, que visitou o regimento, no esforço de propaganda de guerra. Não aceitou convite para ingressar na banda do regimento, o que poderia ter sido mais fácil. Foi para a tropa onde, seu porte,

temperamento, arrojo e outras virtudes importantes na guerra o levaram a promoções sucessivas e condecorações. Não escapou de duas hospitalizações; herdou uma mutilação menor e teve seu temperamento mudado, com crises que, de volta à casa, repercutiam na sua conduta familiar. Veterano, seguiu o caminho que lhe foi mais fácil, de tocar seu instrumento e ganhar um bom dinheiro, o que lhe garantiu pagar os estudos universitários de duas de suas três Marias.

Maria Sheila foi crescendo e gerando pontos de atrito com o pai, à medida em que se tornava permeável ao mundo exterior à sua casa, no ginásio e, de forma mais intensa, quando, no estilo de sua terra, foi para bem longe, fazer o curso superior.

Estava tudo dentro da moldura familiar americana: a filha havia concluído o secundário e, para experimentar por seus meios a vida externa, seguiria para uma universidade, afastada de sua casa. Austin, entretanto, resolveu forçar a filha a matricular-se numa faculdade próxima, à do velho Smith, o que desapontou profundamente Maria Sheila. De novo, Austin havia sido influenciado por outro amigo notívago, também latino, este um costa-riquense, que inundara sua cabeça de conceitos obtusos, adequados todavia à latinidade, no que diz respeito às moças saírem de casa. Foi derrotado, Austin, venceram Mary e Maria.

— Na Zona Sul, perto da Lagoa. - Informou, secamente, Marcelo, antes que Maria Sheila abrisse a boca.

Ela olhou de soslaio o companheiro, com ar contrafeito, que podia refletir tanto a contrariedade pela inoportuna situação, quanto pela resposta de Marcelo.

O assaltante limitou-se a dizer que seguissem em direção ao sul.

A americana também conduzia seus pensamentos para o companheiro de aventura. Da mesma forma, ela recordava as intermináveis discussões, longos embates, quando os conflitos giravam em torno de princípios, da forma como foram, cada um, educados e, sobretudo, a maneira como encaravam suas vidas e o mundo à volta, face às raízes culturais e familiares diversas.

Maria Sheila tinha dificuldade de entender como seu amigo conseguira, trabalhando oito horas por dia, cursar uma universidade. Ela e seus amigos, todos, haviam estado numa universidade-internato, onde se dedicaram, por um lustro, exclusivamente ao estudo. Aulas e laboratório o dia todo e, comumente, conferências e trabalhos específicos à noite.

A expressão facial de Marcelo, ela podia notar num olhar de soslaio, era cansada. Havia mudado muito, desde o sorridente alô trocado à porta da antiga igreja dos escravos e libertos, no Campo de Santana. Era o mesmo cansaço, especulou, que ele dizia sentir, quando, ao fim de um dia de muito trabalho, então um menino, aluno da Escola Técnica de Comércio, tinha ainda de enfrentar as aulas noturnas. E, mais adiante, as difíceis, em muitas áreas, cadeira do curso de Economia.

É bem verdade — conjecturou Maria Sheila, imersa em seus pensamentos, mas presa, como uma corda tensa de violino, ao sucesso daquela tarde — que Marcelo tornou-se um homem muito experiente. As habilidades que teve de desenvolver, completamente diferentes das comuns a um homem de sua idade e educação nos Estados Unidos, deram-lhe a capacidade de dar jeito nos fatos, de uma forma maravilhosamente fantástica, para a compreensão de Maria Sheila.

Assim como foi capaz, narrou certa feita para sua companheira, de gerar um instinto que o fazia dormir em muitas aulas da faculdade noturna ao mesmo tempo em que, parecia, outra parte de seu ser absorvia ensinamentos e uma terceira parte se defendia de uma indesejada constatação do professor — da mesma

forma, no dia-a-dia de seu andar juntos, seguidamente a americana o flagrava dizendo ou fazendo algo muito além de sua, *afro-saxônia*, capacidade de compreensão. Não conseguia, maravilhada, Maria Sheila encontrar qualquer palavra na língua que experimentava já com desenvoltura, mas com pesado sotaque, senão a sua original: *amazing!*

Foi instigante e, outra vez, de difícil compreensão para Maria Sheila a narrativa de Marcelo sobre seu primeiro emprego. Ela recordava agora, com uma ponta de preocupação quanto à eventual necessidade de comunicar-se por telefone com as autoridades, aquela história: Eram tempos em que, no Rio de Janeiro, para conseguir-se o sinal de discagem de um telefone as pessoas ficavam com o fone no ouvido por longos períodos, tais como meia hora, uma hora ou tal. E se não mantivesse o telefone no ouvido, o tom liberatório iria se transformar, em seguida, no sinal de ocupado, obrigando o reinício da espera.

Seu tio, o da Leopoldina, arranjou com companheiros de trabalho — como faziam outrora seus antigos, no cortiço — para que Marcelo ficasse o dia todo na empresa de um fornecedor de produtos para a ferrovia, sentado num banquinho à uma mesa, de fone no ouvido, tentando ligações, assim que o monocórdio tom aparecia. Foi o que fez por meses a fio, até que teve uma idéia. Conveceu seus patrões a permutarem a atroz espera, ainda que para um menino, por algo, por incrível que pudesse parecer, mais prático: a troca de mensagens escritas com os clientes, o que ele fazia com gosto, deambulando, num vai-e-vem prazenteiro, pelas ruas do Rio.

A questão das linhas telefônicas foi sendo gradativamente equacionada e o mensageiro Marcelo ao invés de ser simplesmente desativado, ganhou, com o reconhecimento dos adultos, pontos que facilitaram sua ascensão na firma. Um dos proprietários — como já o fazia em casa, em favor de antiga ama, garantindo educação superior para sua filha única e sem pai legal — projetou sua asa sobre Marcelo. Facilitou-lhe a pesquisa diurna, em bibliotecas, e, mesmo, pagou-lhe quase todo o curso, na universidade particular.

Era um impulso isolado, uma forma de distribuição de renda pessoal, que favorecia dois jovens negros. "Interessante!" remoía Maria Sheila várias vezes, contrapondo esse comportamento, segundo Marcelo não muito raro entre as elites brancas brasileiras, com o de seu avô, o ferreiro que se orgulhava de haver amealhado recursos e com eles ajudado a erguer a faculdade de sua discriminada comunidade negra, como haviam feito outros tantos, mais ou menos afortunados, por todo o sul norte-americano segregado.

Enquanto o carro deslizava, já agora na Avenida Brasil, Marcelo recordava, de sua parte, fragmentos do relacionamento que se estabelecera entre ele, um quarentão divorciado, bem sucedido, e ela, solteira, trinta e cinco anos, designada pelo Departamento de Estado para servir no Rio de Janeiro, como cônsul.

Certa feita, repassou Marcelo, o debate envolvia a questão da virgindade, que Maria Sheila havia assimilado, nos dois anos de experiência brasileira, ser uma exigência da masculinidade nativa. Jantares, coquetéis e outros eventos, com brasileiros que gravitam em torno de diplomatas estrangeiros, todavia, foram-lhe ensinando que a dita questão virgindade não era bem assim, como teorizavam, copo de uísque generoso na mão.

Maria Sheila açulou Marcelo, afirmando que a sociedade brasileira era obviamente sodomita, pois as jovens namoradas e noivas, premidas pelo impulso natural, escapavam para esse caminho, como forma de preservar a virgindade e evitar gravidezes indesejáveis. E dava como testemunho o comportamento da imprensa e da publicidade nativas, a exacerbar óbvia idolatria pelas nádegas femininas. Nessa polêmica, contrapondo o comportamento em sua terra, definiu, com

o exemplo de história corrente na escola de seu curso ginásial, a importância que davam à virgindade:

— Diziam — explicou Maria Sheila — que, quando uma virgem passar por aqui, a peça vai disparar. Referia a um velho canhão, símbolo de guerras pretéritas, que, rodeado de bolas de ferro, sua vetusta munição ornava, bem pintado, o jardim de sua escola.

— Eu sou a patroa!

Frase do anedotário de Marcelo e Maria Sheila veio-lhe, igualmente, à cabeça, adequada àquele instante de evidente angústia.

Era das primeiras histórias que iriam compor o rosário de incidentes, e acidentes, que marcariam a passagem da americana pelo Brasil. Recém instalada num apartamento de luxo, no Jardim Botânico — desproporcional, por seus vários quartos e ambientes vazios, à sua condição de solteira e sozinha — atendeu à porta uma vendedora de perfumes populares, que, parecia, havia subornado a portaria do edifício. Maria Sheila abriu a porta e viu-se ante uma mulher branca, baixota, com tecido adiposo mal distribuído em seu corpo escondido sob sovados jeans, com dentes levemente amarelados, tornados visíveis pelo sorriso estereotipado de vendedora. Tinha cabelos loiros, fruto de tinturas, empurrados por raízes negras que teimavam em aflorar e em evidente processo de esmaecimento. Dela vinham, ainda, uma mistura de sarro e perfume inferior. Completava a figura uma sacola, arsenal das coisas que vendia.

Maria Sheila olhou e viu, na pessoa à sua frente, a imagem de quem costumava chamar de *peasant*. Se pensou em peão, preconceituosamente, e não demonstrou, todavia, mereceu acintoso olhar de desdém, e a quase ordem de comando, embutida na indignação — a patroa 'tá em casa?

— I'm a patroa! - retrucou possessa, sem poder conter um instintivo "*eu sou*", em seu idioma. E bateu com a porta na cara da *avoneira*, igualmente perplexa.

Para Marcelo rendeu muito riso, à medida em que esse assunto ia e voltava. Manteve uma posição crítica à Maria Sheila, dizendo que ela se teria livrado de uma chata, despreparada, apenas alimentando seu preconceito.

— Seria mais simples, Maria Sheila, dizer não! E, por magnânima concessão, quem sabe, acrescentar: — Ela não está em casa. E dar-se livre da inoportuna abordagem. Afinal, não estás aí para consertar o mundo.

— Nós temos um ditado, querido amigo, — recordava, agora, a resposta de Maria Sheila — que simplesmente diz: - *Give him an inch, he'll take a mile*. Ou com dizem em espanhol, acrescentou a americana com afetação propositada: — *Le da la mano y se toma el pie*.

A tensão não havia diminuído em nada, pelo menos para os reféns. As recordações que passavam pela cabeça de Marcelo, algumas com passagens alegres, outras curiosas, em nada faziam por diminuir a sensação desagradável de perigo iminente.

O mesmo não ocorria com o meliante. A falta de incidentes, a ausência de ameaça, a impunidade de seu ato, até então, faziam com que fosse assumindo uma confiança em si mesmo que desembocou na pergunta:



— Que é que vocês estão fazendo por aí, no subúrbio, com um carro de bacana como este?

Em verdade, o bandido sentia-se em posição similar ao casal que assaltara, pois começou a pensar que eles também estavam delinquindo, quem sabe saindo sem licença, com o carro do patrão. Ou algo mais grave, afinal por que se mantinham tão calados?

Ainda, desta vez, Marcelo tomou a dianteira, num movimento rápido que impediu Maria Sheila de falar, assumindo, a seu risco, o caminho como queria conduzir o caso, ou seja, ir levando, esperando que um evento os salvasse:

— Ele saiu... foi viajar e... você sabe, a gente foi dar uma volta...

— E por que você não está dirigindo o carango?

— Ela 'tá aprendendo...

— E se ela dá uma porrada com o carrão, como é que tu vai te explicar pro bacana?

— Ela já 'tá bem... não vê?

— É... mais ou menos!

Maria Sheila mordia-se, em seu interior, pelo rumo machista que o diálogo havia assumido. Mas, foi dominando qualquer laivo de bravata, que sua forte personalidade relutava em externar.

Por muito menos do que isto — uma declaração explícita e gratuita de inferioridade feminina — Maria Sheila havia rompido com mais de um empregador e agravado colegas.

Num período de férias, quando ganhava os trocos de que necessitava para acessórios de sua vida acadêmica, servindo desjejuns, almoços e jantares como garçomete, o gerente da cafeteria, apenas num ato espontâneo de cavalheirismo, sugeriu que seria melhor se um colega do sexo masculino fizesse certa coisa — um trabalho que, qualquer um veria, exigia força muscular. Foi o bastante para que se iniciasse um áspero debate que terminou com a obstinada estudante indo procurar outro emprego... onde não fosse discriminada.

De outra feita, encaminhando-se para a escolha do curso superior que lhe convinha, numa festinha de jovens como ela, surgiu naturalmente o assunto de interesse comum: o futuro. Num pequeno grupo onde estava, começaram a falar, uns sobre as vantagens de ser agrônomo, outros de advogar, terceiros de clinicar e, um deles, depois de fazer longa consideração sobre o desenvolvimento que novas comunidades experimentavam e que corporações tendiam a formar seus próprios refeitórios para evitarem deslocamento de seus funcionários na hora do almoço - afirmou ser um campo promissor a carreira de nutricionista, pois os refeitórios modernos, seguindo políticas de vida saudável para os empregados, como emulador do desempenho da pessoa e, por consequência da empresa, careciam de especialista em alimentação.

A seguir, o colega perguntou à Maria Sheila qual sua opinião a respeito.

Anos mais tarde, recordando aquele encontro, arrependia-se da reação que externara à sugestão do amigo. Mas, esclarecera para Marcelo, não podia imaginar-se, ainda que de forma sofisticada, no mais vil e marcante estereótipo das mulheres de sua raça, na América.

O carro se deslocava, parecia eternamente, pelas ruas do Rio de Janeiro, para atingir a Zona Sul.

O ladrão, obviamente simplório, talvez mais um descuidista, um lalau armado, resolveu soltar mais um pouco a língua, para perguntar a Marcelo o que ele poderia afanar do patrão, que estava viajando, sem que ele criasse problemas também para eles, empregados.

Ele foi sugerindo: — Ele deve ter relógio de ouro. Vocês, que arrumam a casa, devem saber onde está algum dinheiro... Uns dólares.

— Olha aqui — sublinhou — se vocês fizerem tudo direitinho, trouxerem o dinheiro e uns bagulhos, vai acabar tudo numa *nice*.

A presença de vocábulo tão gentil de sua língua, na boca do invasor, fez Maria Sheila esboçar um pálido e amargo sorriso.

Marcelo, com certo alívio, compreendia que estava em poder de um gatuno, não de um facínora. Mas não deveria subestimar o inimigo; deveria continuar agindo como um dócil e subserviente refém.

Não obteve resposta. Aliás não indagara, apenas instruíra o que seria bom ser feito, para que tudo terminasse bem. O silêncio dos reféns fez com que ainda mais à vontade se sentisse o assaltante e, já com certa jovialidade, indagasse:

— E o que faz a comadre aí? Cozinha ou arruma a casa?

O absurdo da cena que se seguiu quase transformou o assalto, que se encaminhava para uma solução pacífica, num desastre total.

— *You, s.o.b...* vociferou a silente Maria Sheila, voltando-se para trás e encarando o ladrão. Era o ódio que explodia, na curta, porém vibrante, emanção de voz da diplomata, como uma represa que se rompia, sem finura, o excesso de entulho acumulado em seu dique. Foram apenas o pronome e mais as iniciais, somente as iniciais, do palavrão caseiro, filho de uma cadela, o tudo que Maria Sheila verberou, para um basbaque gatuno.

Então, para Maria Sheila, fez-se noite, com estrelas e torpor. O escuro resultou, ao mesmo tempo da instintiva proteção contra a pancada iminente, com o fechar dos olhos de forma defensiva e pelo impacto em si.

A origem foi uma bofetada que desequilibrou por completo a motorista, jogando longe seus óculos de grife, obrigando-a, por ato mecânico, a proteger-se e largar o volante do carro, fazendo este tomar um rumo inesperado.

O assaltante, braços descontrolados no ar e corpo sem domínio, dançou no banco de trás. Foi para a esquerda, como boneco João-bobo e para a direita. Teve as costas e o tórax atingidos pelo impacto, sofrendo, entretanto mais, quando o pescoço se esforçou para segurar a cabeça sem controle, que se projetava pelo banco de trás, sem proteção adequada. O carro adiantou-se ainda mais sem comando, bailando na rua, fazendo outros veículos desviarem como podiam, até que se estatelou contra uma árvore.

Os três estavam atordoados, no instante seguinte ao do barulho da colisão. Maria Sheila e Marcelo, aturdidos, abriram as portas e correram num mesmo sentido. O assaltante, mais grogue do que os dois, levou mais tempo para sair do banco de trás. E o fez já sem a arma, que caiu num lugar qualquer do automóvel. Correu, então, desesperado para a direção que lhe pareceu mais segura, sumindo na noite carioca que caía, abrigando em seu manto mais um impune.

Marcelo e Maria Sheila, refugiados numa padaria de esquina, puderam ver, ainda, o assaltante desaparecer para sempre em suas vidas.

Voltaram para o carro, para contemplar o estrago da colisão.

O pneu dianteiro furou com a batida no meio-fio e constituiu-se no pretexto para a sugestão de Marcelo, aceita por Maria Sheila, não sem um esboço de contrariedade, para que o registro de ocorrência policial fosse evitado. — *Amazing!* ela pensou outra vez.

Providenciaram um reboque e, sentados no banco de trás, do suspenso automóvel, movendo-se nas rodas trazeiras, preparavam-se para recordar o inusitado, quando Maria Sheila, ainda em estado de estupefação, indagou:

E por que a bofetada? O que fiz para me agredires daquela forma?

— Porque, querida, talvez por um milímetro, nada mais do que um milímetro, você poderia ter transformado um assalto pé-de-chinelo — sabe o que significa pé-de-chinelo? — num seqüestro.